



RAÍZES DA MEMÓRIA: IDENTIDADE E HERANÇA EM “DIGGING” E “FOLLOWER” DE SEAMUS HEANEY

Henrique G. Dias¹ e Nicole A. Sousa²

¹UFMG/Letras, henriquediasbh@ufmg.br

²UFMG/Letras, nicolearaujosousa@ufmg.br

Resumo: Este artigo analisa os poemas “Digging” e “Follower” de Seamus Heaney (1966), enfatizando como o autor articula herança, memória e identidade no contexto da cultura rural irlandesa. “Digging” contrapõe o trabalho manual de seus ancestrais ao trabalho intelectual do poeta, simbolizado pela caneta que “cava” memórias. Já “Follower” explora a admiração pela figura paterna e as tensões intergeracionais por meio de imagens vívidas. As análises revelam como Heaney transforma experiências pessoais em reflexões universais sobre legado e identidade cultural.

Palavras-chave: Poesia, memória, herança, admiração, identidade, nostalgia.

1. Introdução:

Seamus Heaney, um dos mais aclamados poetas do século XX, deixou um legado duradouro na literatura mundial. Nascido na Irlanda do Norte, Heaney é responsável pela exploração de temas como identidade, memória e tradição, refletindo sobre a vida rural e as relações familiares. Em “Digging” e “Follower”, da coletânea “Death of a Naturalist” (1966), Heaney captura o esforço árduo inerente do trabalho agrícola, explorando sua conexão com seus antepassados por meio de imagens sensoriais e metáforas que retratam o



impacto cultural e emocional desse legado.

2. Metodologia

O direcionamento deste artigo se dá pela análise de dois poemas escritos por Seamus Heaney, presentes na obra “Death of a Naturalist” (1966): “Digging” e “Follower”.

Em “Digging” (1966, p. 13-14), Heaney transforma o ato de escavar em uma metáfora multifacetada, que reflete o trabalho físico de seus antepassados enquanto simboliza sua busca intelectual e emocional por suas raízes. O autor destaca também a habilidade e o esforço físico envolvidos no trabalho agrícola, contrastando com o trabalho intelectual do poeta.

Enquanto em “Follower” (HEANEY, 1966, p. 24-25), o autor também aborda a relação entre pai e filho, mas com um foco mais direto na admiração pela figura paterna. A obra descreve o pai como um agricultor habilidoso e forte, em contraste com a inexperiência e incapacidades de seu filho, enquanto criança, capturando assim a dinâmica de respeito e admiração entre as gerações.

3. Análises

3.1 Análise do poema “Digging”, de Seamus Heaney.

O poema inicia com a comparação entre uma arma e a caneta, instrumento de trabalho do poeta. Essa relação de símile destaca o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho físico de seus antepassados. A referência à arma sugere que a caneta, como ferramenta, possui o poder de influenciar e moldar pensamentos e ideias.

Através da imagem do pai cuidando de seu jardim, o narrador é transportado para o passado em uma viagem pelas suas memórias: “Até que suas costas tensas



entre os canteiros de flores/Se curvam, volta vinte anos atrás” (HEANEY, 6-7, tradução nossa) ¹. Este verso evoca uma imagem visual vívida, sugerindo uma continuidade entre gerações, onde o trabalho físico do pai é uma extensão do trabalho de seus ascendentes, e a memória do pai trabalhando no jardim atua na obra como um portal para o passado.

Desta forma, o autor inicia uma narração que detalha o esforço e a habilidade de seu pai ao manejar a pá, evocando memórias que refletem sua admiração pela tradição familiar: 'Por Deus, o velho sabia manejar uma pá/Assim como seu velho' (HEANEY, 15-16, tradução nossa) ². Assim, a pá torna-se um símbolo de herança, onde o trabalho dos antepassados representa identidade e legado cultural.

Na obra, Heaney recorre a descrições sensoriais, como cheiros, texturas e sons, para conectar o leitor às suas memórias: “O cheiro frio do mofo de batata, o som de esguicho e bofetada/Da turfa encharcada, os cortes bruscos de uma lâmina” (HEANEY, 25-26, tradução nossa)³. Essas imagens vívidas ressaltam a importância da herança familiar e como ela molda a identidade, mesmo quando o indivíduo opta por um caminho diferente: “Através de raízes vivas despertadas em minha mente/Mas eu não tenho pá para seguir homens como eles” (HEANEY, 27-28, nossa tradução)⁴. Isso pode ser observado nos seguintes versos, onde o autor afirma que, apesar de não usar uma pá como seu pai e avô, sua caneta também é capaz de “cavar”: “Entre o dedo e o polegar/A caneta descansa./Vou cavar com ela (HEANEY, 29-31, tradução nossa) ⁵. A caneta, embora uma ferramenta de natureza diferente, é

¹“Till his straining rump among the flowerbeds/Bends low, comes up twenty years away”

²“By God, the old man could handle a spade/Just like his old man.”

³“The cold smell of potato mould, the squelch and slap/Of soggy peat, the curt cuts of an edge”

⁴“Through living roots awoken in my head./But I’ve no spade to follow men like them.”

⁵“Between my finger and my thumb/The squat pen rests/I’ll dig with it.



igualmente poderosa na busca por significado e na preservação de memórias e tradições.

Para Heaney, escolher a caneta como sua ferramenta de trabalho não significa rejeitar suas tradições familiares, mas sim adaptá-las ao seu próprio contexto e habilidades. A metáfora da escavação, portanto, se estende além do ato físico de cavar, abrangendo também o processo intelectual e emocional de explorar sua identidade e herança familiar. Heaney demonstra que, assim como seus antepassados usavam a pá para cultivar a terra e sustentar a família, ele usa a caneta para cultivar a memória e a cultura, garantindo que as histórias e tradições de sua família sejam preservadas e transmitidas às futuras gerações.

3.2 Análise do poema “Follower”, de Seamus Heaney.

Em “Follower” (1966, p. 24-25), Seamus Heaney constrói um retrato íntimo da relação entre pai e filho, explorando com sensibilidade temas como memória e identidade. A obra captura, em particular, como o legado familiar inspira admiração, enquanto revela os desafios de seguir os passos de figuras parentais idealizadas.

A relação entre pai e filho é o tema central de “Follower”, revelada por uma admiração quase reverencial do narrador pela habilidade do pai como lavrador. O verso: “os ombros globulares como uma vela cheia” (HEANEY, 2, tradução nossa)⁶ destaca a força física do pai, representando-o como um guia confiável na travessia da vida.

Na obra, o trabalho rural simboliza a ligação entre o passado e o presente, transmitindo a herança familiar. A imagem do pai lavrando os campos representa o esforço físico e o legado cultural e emocional que molda o narrador. Nesse sentido, a terra representa um espaço simbólico de continuidade e memória, como

⁶“His shoulders globed like a full sail strung”



exemplificado na precisão do pai ao “mapear o sulco exatamente” (HEANEY, 12, tradução nossa)⁷. Esse ato metafórico de cultivo reflete o modo de subsistência da família e a preservação da identidade cultural.

Embora a obra seja permeada por admiração, também há uma ambiguidade palpável nas descrições do narrador sobre sua infância. Ele se descreve como “um incômodo, tropeçando, caindo” (HEANEY, 21, tradução nossa)⁸, indicando uma sensação de inadequação diante da figura quase mítica do pai. Essa ambivalência é intensificada pela escolha do verbo “tripping”, que não só sugere uma ação física, como também uma espécie de tropeço emocional.

A admiração que sente pelo pai, assim como sua dificuldade em sair debaixo da influência paterna e afirmar sua própria identidade, dá sentido ao uso da palavra “sombra” como manifestação de suas inseguranças: “Tudo o que fiz foi seguir/Em sua larga sombra ao redor da fazenda” (HEANEY, 19-20, tradução nossa)⁹. Essa dualidade reflete a complexidade das relações intergeracionais, em que a busca por autonomia está ligada à reverência pelas gerações passadas.

Na última estrofe, a inversão de papéis entre pai e filho é destacada de maneira inesperada. Nos versos: “Mas hoje/É meu pai que tropeça/Atrás de mim, e não vai embora” (HEANEY, 22-24, tradução nossa)¹⁰ o narrador exemplifica de maneira contundente a inevitável passagem do tempo e a fragilidade humana. O pai, que antes era uma figura forte e estável, agora se torna vulnerável e dependente do filho. Essa transformação pode ser vista como uma metáfora para o ciclo da vida, onde cada geração, por sua vez, assume o papel de cuidador.

⁷“Mapping the furrow exactly”

⁸“I was a nuisance, tripping, falling”

⁹“All I ever did was follow/In his broad shadow round the farm.”

¹⁰“But today/It is my father who keeps stumbling/Behind me, and will not go away.”

Por fim, “Follower” (HEANEY, 1966) é uma obra que transcende a mera descrição de uma relação familiar, oferecendo uma profunda reflexão sobre a passagem do tempo, a identidade e a herança. Com imagens vívidas, como a comparação dos ombros do pai a uma vela cheia e o uso de verbos dinâmicos como “tripping”, Heaney retrata as complexidades emocionais da transmissão de valores, capturando a tensão entre o desejo de herdar o legado do pai e a dificuldade de corresponder às expectativas geradas por essa idealização.

4. Conclusão

Ao refletirmos sobre os poemas “Digging” (1966, p. 13-14) e “Follower” (1966, p. 24-25), notamos que Heaney aborda questões intrínsecas da natureza humana de maneira simples e efetiva. Ao usar o trabalho agrícola como metáfora, o autor reverencia as tradições passadas e convida à reflexão sobre o impacto dessas heranças em nossas escolhas e trajetórias. Em nossa análise, essas obras nos desafiaram a refletir sobre a maneira como a memória e a herança influenciam nossas vidas, lembrando-nos da importância de reconhecer e reinterpretar o legado que carregamos.

Referências

1. HEANEY, Seamus. Follower. In: HEANEY, Seamus. **Death of a Naturalist**. Londres: Faber And Faber, 1966. p. 24-25.
2. HEANEY, Seamus. Digging. In: HEANEY, Seamus. **Death of a Naturalist**. Londres: Faber And Faber, 1966. p. 13-14.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição -Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.